

Pedro e Paula de Helder Macedo: fraternidade impossível?

Pedro e Paula by Helder Macedo: impossible fraternity?

Ana Margarida Fonseca

Centro de Estudos Comparatistas/Unidade para o Desenvolvimento do Interior

PALAVRAS-CHAVE: HELDER MACEDO, PÓS-COLONIALISMO, LITERATURA PORTUGUESA, RELAÇÃO FRATERNAL, IDENTIDADE.

KEYWORDS: HELDER MACEDO, POST-COLONIALISM, PORTUGUESE LITERATURE, FRATERNAL BOND, IDENTITY.

O romance de Helder Macedo *Pedro e Paula* (1998a) desenvolve-se – como o próprio título denuncia – em torno da relação entre duas personagens, irmãos gémeos, num período histórico que se estende por cinco décadas, entre os estertores do império português e a frágil construção da democracia pós-25 de abril. Repartido por Portugal, Moçambique e Londres, nesta obra as fronteiras são continuamente cruzadas – não apenas as geográficas, mas sobretudo as que definem identidades, quer pessoais quer coletivas. Romance complexo, apesar do desejo do narrador de que esta fosse apenas a “simples história simbólica de gémeos antagónicos” (Macedo, 1998a, p.151), nele se constrói uma profunda reflexão sobre o pós-colonialismo português, desenvolvendo linhas de força do romance anterior, *Partes de África*.

A ligação entre os dois irmãos é, nesta obra, mais que uma relação de família, a mais importante das “metáforas da história” (Macedo, 1998a, p.20) de que o narrador se serve para fazer uma leitura do “contentado tempo português” (Macedo, 1998, p.151) contemporâneo. Contudo, e como veremos, trata-se de uma relação fraternal problemá-

tica, ensombrada por divergências que se acentuam à medida que a idade avança. A incommunicabilidade progride até ao ponto em que uma brutal agressão – a violação que Pedro exerce sobre Paula – os separa irreversivelmente.

Ao apresentar as diferenças ideológicas que separam ambas as personagens, assim como a tensão entre liberdade e controlo que entre elas se explicita, Helder Macedo propicia uma leitura questionadora da memória histórica portuguesa, nos tempos mais recentes, desenvolvendo uma densa rede de significações. É pois nosso propósito, ao longo do presente texto, analisar a importância da relação fraterna em *Pedro e Paula*, observando a indispensável ligação entre a dimensão pessoal e a perspectiva coletiva.

A importância da família nos processos de estruturação da identidade pessoal é indiscutível, sendo a mesma estudada por numerosas ciências humanas e sociais – a psicologia, antes de mais, mas também a sociologia, a antropologia ou a história. Na verdade, não existindo um modelo único de família, esta terá sempre de ser enquadrada quer em termos diacrónicos, atendendo-se ao dinamismo temporal do modelo familiar, quer em termos sincrónicos, observando-se a inserção em contextos culturais precisos. Desta forma, biologia e cultura revelam-se indissociáveis, entrelaçando-se, desde muito cedo, o eu e os outros, a identidade e alteridade, o pessoal e o coletivo.

Também no plano dos estudos literários, a análise das representações da família ocupa um lugar muito relevante, independentemente do género ou estilo de época em causa. Através da consideração dos modos como as relações familiares se desenvolvem – com particular destaque para o discurso romanescos –, é possível observar o desenvolvimento de dimensões de intimidade das personagens, assim como a estreita ligação entre família e sociedade. Assim, escreve Helena Carvalhão Buescu:

É através da reflexão empreendida em torno do conceito e da imagem da “família” [...] que o construto histórico da noção de sujeito enquanto identidade se formula e desenvolve. Neste núcleo, ao mesmo tempo privilegiado e simbólico, que a família constitui, torna-se possível representar a cena do mundo social, com os seus contrastes e violências, que reflectem também o desejo de retomar, através da história pessoal, um ponto de sustentação imaginário pelo qual o sujeito possa constituir-se e reconhecer-se – idealmente, um lugar de segurança e abrigo, que parece sempre perto mas sempre desliza para fora do alcance de quem dele se aproxima. (Buescu, 2001, p.95)

“Miniatura da esfera exterior” (Buescu, 2001, p.96), a representação da família permite apresentar, em escala mais reduzida, algumas das questões mais importantes colocadas por um determinado contexto social, sendo encenados neste espaço físico e simbólico

problemas, atitudes e desafios que encontram correspondência na historicidade em que os sujeitos estão integrados. Uma vez que a família se apresenta como simultaneamente produtora e produto do meio envolvente, aspetos fundamentais para a definição identitária, como etnia, religião, nacionalidade, género, estrato socioeconómico, entre muitos outros, encontram-se refletidos e reproduzidos nas múltiplas formas do seu funcionamento.

Por outro lado, interessa-nos sublinhar a estreita ligação entre a instituição familiar e a entidade nacional. Constituindo a família a primeira forma de socialização do indivíduo e aquela sobre a qual assentam outras dimensões comunitárias, poderá ser afirmada a existência de uma relação metonímica entre família e nação – como afirma Buescu, “as famílias [...] são [...] microcosmos que, metonimicamente, representam identidades comunitárias” (Buescu, 2005, p.204). Deste modo, as crises e os conflitos, mas também as possibilidades de renovação e reconstrução circulam entre a dimensão individual e a dimensão coletiva, numa perspetiva crítica em que as imagens de identidade se vão construindo pelo confronto entre o plano mais íntimo da existência humana e um plano intersubjetivo, de âmbito histórico.

Em *Pedro e Paula*, o relacionamento intrafamiliar, enquanto espaço de confrontação do eu relativamente ao outro, assume uma importância estruturante no desenvolvimento dos sentidos simbólicos da narrativa. Na verdade, o diálogo entre identidades pessoais e identidades coletivas faz-se, em grande parte, pela observação das relações decorrentes de laços de parentesco, tanto as que decorrem da linha direta (maternidade, paternidade e fraternidade), como as que resultam dos relacionamentos amorosos e conjugais. Assim, embora a nossa proposta de reflexão se centre nos gémeos antagónicos que dão título ao segundo romance publicado de Helder Macedo, não poderemos deixar de ter em conta a complexa teia de significações suscitada por outras relações de parentesco – desde logo a de José e Ana, pais dos dois irmãos, imersos numa conjugalidade difícil que se triangula com a presença de Gabriel, o amigo próximo da família, padrinho escolhido para as duas crianças, e hipotético amante de Ana. Por sua vez, já adulta, Paula procura o padrinho em Londres e acaba por se envolver com ele numa relação amorosa, num cruzamento ambíguo de papéis entre o pai/padrinho e o amante. Ainda mais ambígua é, como veremos, a relação entre os dois irmãos, com Pedro a desenvolver um sentimento de posse obsessivo que culminará na violação exercida sobre a irmã – e mais uma vez não se saberá se Filipa, a filha de Ana entretanto nascida, é fruto do amor por Gabriel ou da brutalidade do estupro.

A primeira questão com implicações relevantes nas relações fraternais em *Pedro e Paula* que pretendemos suscitar tem então que ver precisamente com o problema da ilegitimidade, assumindo uma especial complexidade por se ligar à possibilidade do incesto.

Estando ausente um narrador onisciente, o leitor é posto perante indícios e não certezas, o que adensa a complexidade interpretativa.

No caso dos gémeos, é por uma parecença nos olhos que é sugerida a possibilidade de Gabriel ser, de facto, o pai da pequena Paula: “Engraçado, o Pedro tem os olhos do pai e a Paula do padrinho” (Macedo, 1998a, p. 27). O comentário de Ana não poderá, a nosso ver, ser interpretado como uma alusão a um possível adultério (até porque seria muito improvável, embora não impossível, os gémeos terem pais biológicos diferentes), mas revela-se profético e é nesse sentido que ganha importância no desenvolvimento da narrativa. Na verdade, em termos de personalidade, cada um dos irmãos revelará uma personalidade muito distinta: Paula aproximar-se-á ideologicamente do padrinho Gabriel, um resistente ao regime salazarista que se autoexila em Londres durante os anos da ditadura; enquanto Pedro prolonga o conservadorismo e a tibieza de carácter do pai, José Montês, um administrador colonial que se deixa enredar nas teias da corrupção do antigo regime.

A forma distorcida como a relação fraternal se desenvolve ao longo dos anos assenta em grande medida neste contraste entre personalidades indiciado desde crianças. Paula revela-se desde cedo a personagem mais autónoma, contrariando os estereótipos de género e classe que teriam feito dela uma dona de casa e mãe de família submissa às convenções sociais da época. Ao sair da alçada conservadora dos pais para ir estudar Belas Artes em Lisboa, Paula afirma uma liberdade de pensamento que se aprofundará com a decisão de conhecer Gabriel e, nessa altura, quebrar um enorme tabu: unir-se sexual e amorosamente ao amigo da mãe, uma figura paternal mesmo que não o fosse de facto. Pelo contrário, Pedro perde-se no curso de medicina escolhido para agradar ao pai, enreda-se numa teia de mentiras e acaba por se acomodar numa existência burguesa, primeiro em Lourenço Marques e depois em Lisboa, para onde regressa depois da descolonização.

A crescente dificuldade em aceitar a independência de Paula conduz Pedro a comportamentos cada vez mais doentios, e mesmo os gestos de generosidade acabam por se converter em ressentimento face à incapacidade de dominar em exclusivo os afetos da irmã. A violação – brutal e inesperada – concretiza um desejo de posse que, assumindo uma forma física, não deixa de traduzir a frustração pela perda do controlo da vida da gémea. Nos momentos que antecedem a violação, Paula apercebe-se da verdadeira natureza dos laços que os unem:

Mas finalmente qualquer coisa de fundamental quebrara mesmo em Paula em relação ao irmão. Estava livre dele. Afinal era dele que tinha andado a querer libertar-se todos aqueles anos. Foi o que finalmente percebeu. Livre do poder que ele tivera sobre ela mesmo naquilo em que de

facto a ajudara e de que haviam ficado restos mais ou menos consentidos por ela. Mas, porque livre, agora também indiferente a tudo o que a ele a ligara tão profundamente, da identidade visceralmente partilhada desde antes de nascerem, da gratidão que genuinamente, que exageradamente sentira ser-lhe devida e que agora continuava a reconhecer como um facto a ser reconhecido, mas só isso. Porque afinal essa mesma justificada gratidão se havia tornado na causa de uma menos desejável compaixão cúmplice, da embaraçada pena que também tantas vezes sentira por ele, da decepcionada mas ainda assim persistente admiração pelo seu potencial, pela sua inteligência, por tantas qualidades que o irmão tinha e afinal a fazer tão pouco com elas, a escolher sempre o menos para se poder fingir a si próprio que mais pudera ser se assim o tivesse escolhido. (Macedo, 1998a, p.183)

A identidade implica a aceitação da diferença mas, no caso dos dois irmãos, Pedro revelou-se tragicamente incapaz de reconhecer a separação de caminhos no percurso de vida de ambos. Sem capacidade para aceitar a autonomia de Paula, Pedro recorreu à violência para apagar a fronteira que entre os dois se tinha tornado visível; a violação acaba por ser, assim, a tentativa de uma fusão impossível, de um retorno ao útero onde os limites do eu e do outro se diluíssem. Vilma Arêas sublinha, com pertinência, que a humilhação sexual que Pedro impõe à irmã tem correspondência numa humilhação social coletiva:

os incestos, ou quase incestos, ou simulacros de incesto [...] espelham-se na questão social, reforçando a sugestão de ausência de alteridade. Não é estranhável, portanto, que Pedro, a personagem fraca, infantilizada, mancomunada com o fascismo depois que “o rumo do fascismo mudou” no pós-74 estupre sua irmã gémea Paula, a personagem forte e criativa. No entanto, ao que tudo indica, talvez não tenha conseguido destruí-la, pois esta caminha para o futuro com seus pés “decentes, verdadeiros” roubados aos versos de Cesário. (Arêas, 2004, p.354)

Na verdade, a liberdade que Paula tinha conquistado por mérito próprio impede a *ação destrutiva do irmão*, e por isso a vida pôde continuar, ao lado do homem que escolheu para amar e aceitando (não sem uma hesitação inicial) a filha que perpetua o espírito indomável e criativo de Gabriel – o pai verdadeiro, mesmo que não o fosse em termos biológicos.

O incesto assume, pois, na obra de Helder Macedo um importante sentido coletivo, como se refere na citação transcrita, sendo diferente a sua valoração no caso do incesto confirmado (o de Pedro e Paula) e no caso do incesto suspeitado (o de Gabriel e Paula). Constituindo ambos “parábola[s] metafórica[s] sobre as várias formas de trânsito enquanto

geradoras das condições de construção social” (Buescu, 2005, p.84), por seu intermédio se chama a atenção para as contradições e os desafios nacionais pós-25 de abril.

No caso do incesto dos dois irmãos, terá constituído, como afirmámos anteriormente, a tentativa de imposição de uma posse que Pedro sabia perdida, de um autoritarismo que a história recente tinha abalado, de um ascendente que estava há muito superado. A este propósito, será pertinente recuperar as palavras que Helder Macedo escreveu, na qualidade de crítico, sobre o mais conhecido dos romances de Eça de Queirós. Considera Macedo que “da perspectiva simultaneamente organicista e proudhoniana do livro, o incesto é sem dúvida a metáfora mais adequada para significar a complacência auto-satisfeita da classe social caracterizada por Eça de Queirós em *Os Maias*” (Macedo, 2000, p.382). Sob o estigma da violação, o ato de Pedro procura remediar, segundo julgamos, a consciência que a personagem tem da sua própria inferioridade, da inércia que o limitou quando tudo nele, como admitia a irmã, parecia brilhante. Em vez da expressão de autocomplacência temos, portanto, a expressão de uma insuficiência – a de Pedro, como homem frustrado e medíocre; e a de uma classe marcada pela abulia, pelas ambiguidades ideológicas e pela sobreposição dos interesses económicos a qualquer tipo de princípios éticos. A liberdade não é, afinal, um dado adquirido na reconfiguração identitária provocada pelo fim do colonialismo e pelo início da democracia – assim o evidencia o gesto destruidor de Pedro, importante “metáfora da História” que o autor-narrador procura expor e ilustrar.

Ao contrário de Pedro e da esterilidade das suas opções de vida, Paula representa o futuro e a possibilidade da mudança, apesar de todas as hesitações e recuos da democracia. O nascimento da filha Filipa concretiza a fertilidade regeneradora do amor de Paula e Gabriel, e por isso se recusa a possibilidade de que a gestação tenha resultado do estupro. No dia da morte de Gabriel, a relação sexual entre os dois amantes terá significado, como na primeira vez em Londres, a celebração da vida, o elogio da liberdade, a promessa da renovação:

Eu sei que foi isso [a liberdade] que ele me quis dar. Que deu, naquela despedida, naquela última tarde. Tirar para sempre de dentro de mim o sabor a morte que o meu irmão lá tinha metido. Dar-me de novo, olha, a vida. Ser finalmente meu pai? Meu querido amigo... De modo que estás a ver, meu caro senhor escritor, andas há dias a querer perguntar-me e não consegues: a Filipa só pode ser filha dele. (Macedo, 1998a, p.206)

Como se pode observar, a possibilidade do incesto entre pai e filha e a indefinida paternidade de Filipa são desvalorizadas no que pudessem apresentar de condenação social

e de ameaça à integridade do eu, preferindo-se uma leitura positiva onde a biologia se subordina à força criadora do amor. A diferença relativamente ao incesto de Pedro com a irmã é, na verdade, profunda, pois no caso de Gabriel e de Paula sobra a liberdade que na relação entre os irmãos tinha faltado. Assim, somos levados a reconhecer que a afirmação identitária, quer pessoal quer nacional, se faz precisamente pela capacidade de aceitar a impureza e de estabelecer sínteses, como sublinha o próprio Helder Macedo, que descreve o romance *Pedro e Paula* como sobretudo uma história que lida com

o tema das relações simbióticas, das relações profundas e da transformação daquilo que poderia parecer incestuoso em novo e em diferente. A jovem personagem da Filipa vai adquirir uma identidade própria que tem de incorporar as ambiguidades das suas origens, as contradições que porventura existiram. Tomando isso como metáfora do país, se nós não incorporarmos esquerda e direita, heroísmo e corrupção, essas coisas todas que nos fazem a nós, nunca sairemos das ambivalências ou das polaridades (Macedo, 1998b).

Paula, a gêmea inconformada, corajosa e resistente é, segundo cremos, o *espaço entre* onde as fronteiras são quebradas e se entrevê a força de uma identidade mesclada – de certa maneira, a projeção autobiográfica do autor empírico, também ele um atravessador de limites geográficos e culturais. Paula distingue-se, pois, pela liberdade extrema que reclama para si, em múltiplas dimensões da sua vida: quando cruza espaços para melhor se encontrar (Lourenço Marques, Lisboa, Londres); quando ousa quebrar as convenções de jovem burguesa (o curso de Belas Artes, a ligação com o padrinho); ou ainda quando, no plano ideológico, recusa o conforto conservador da ideologia paterna e se arrisca na defesa da revolução de abril.

Esta dimensão política revela-se, de facto, fundamental na construção ideológica da personagem e do romance, num sentido que está para além da concreta oposição salazarismo *versus* democracia, ancorada num momento preciso da contemporaneidade portuguesa. Numa leitura simbólica que o texto deliberadamente convoca, a opção de Paula pelo combate contra a ditadura denuncia a importância de resistir a binários enclausurantes, sejam eles quais forem, procurando uma terceira via, um outro espaço de afirmação identitária, nos planos simultaneamente pessoal e coletivo. As inquietações da protagonista feminina, depois da passagem por Paris e por Londres, onde conhece finalmente o padrinho, revelam o desenvolvimento de uma consciência crítica que tem a sua face mais visível na contestação antifascista, mas que se estende, no decurso do romance, à tomada de consciência da alteridade que existe em si:

Paula [...] havia regressado às perplexidades de Lisboa a pressentir que teria de haver uma terceira opção entre os dilemas do conformismo e do exílio, entre as vidas destruídas e as vidas adiadas para sempre. [...] Ora terá sido precisamente essa necessária impossibilidade, essa impensável necessidade para que Paula, sem poder saber o que fosse, desafiara Gabriel dos seus londrinos voyeurismos, que escuramente foi emergindo dos africanos matos em guerra para que numa improvável madrugada viesse a permitir o Portugal que agora há e as áfrias que poderia ter havido. Para Pedro, no entanto, longe da irmã e porventura de si ainda mais longe, finalmente livre de uma vida desde sempre com ela partilhada ou que ela representasse em latente antagonismo, as ambiguidades de fim de império puderam tornar-se num modo de se acomodar às suas. (Macedo, 1998a, p.96)

Apesar da dualidade sugerida no título do romance, julgamos que Paula é menos o oposto de Pedro do que a superação das suas limitações mais incapacitantes: o medo de ser julgado, a recusa de ruturas, a acomodação ao que é mais fácil. A distância provocada pela partida de Pedro para Moçambique traduz, pois, no plano geográfico, o afastamento que entre os gémeos se tinha começado a consumir, através das opções ideológicas e de um certo modo de lidar com os desafios das identidades em construção – identidades essas que implicavam irremediavelmente a imagem do outro, pela partilha desde o ventre materno a que o texto literário reiteradamente se refere. Confrontados com a necessidade de escolher com autonomia o seu próprio caminho, Paula investe na “terceira opção” – a resistência a partir de dentro do país, preparando a revolução que haveria de emergir anos mais tarde –, enquanto o irmão decide não decidir, deixando-se ficar por Lourenço Marques, voluntariamente alheio à consciência das suas próprias contradições.

Os protagonistas configuram, pois, uma relação dialética, onde as polaridades são postas em causa, apesar das evidências em contrário. Na verdade, o narrador, a determinada altura, afirma que a obra “deveria ter sido uma simples história simbólica de gémeos antagónicos” (Macedo, 1998a, p.151), mas o modo verbal assinala a frustração de tal propósito, já que, lê-se ainda, “se tudo fosse só simetrias onde estaria a dialéctica” (Macedo, 1998a, p.109).

A triangularidade constitui, de facto, uma marca fundamental em *Pedro e Paula*, introduzindo um elemento dissonante nos binarismos característicos dos discursos totalitários. Ao longo do romance, mais de uma vez se observa que “a linguagem das opções políticas se tornou na expressão dos amores” (Macedo, 1998a, p.30), de tal forma existe um vínculo estreito entre as questões ideológicas, éticas e históricas e o desenvolvimento das relações amorosas, sejam elas de tipo romântico ou de sentido filial e fraterno. Assim,

concordamos com a interpretação de Teresa Cristina Cerdeira, quando defende que este romance, para além da dimensão histórica, intertextual ou autobiográfica,

é também uma história de amor [...] necessariamente triangular para inserir um terceiro termo, uma terceira via, uma terceira margem, não apenas nas opções afectivas mas também ideológicas e metafísicas. O duplo que se adivinhava na escolha dos gémeos, na verdade, problematiza a sua evidente polaridade ao ver intervir na trama uma necessária terceira voz que com ele dialoga, disputa, ama, trama, luta. [...] A terceira voz relativiza as verdades e permite ao narrador compor personagens suficientemente ambíguos para não serem bons nem maus, mas complexos e humanos. (Cerdeira, 2000, p.182)

Assim, Pedro move-se num jogo de ambiguidades e meias escolhas (a mentira aos pais sobre o curso de medicina inacabado, o casamento forçado com Fernanda, o desejo erótico pela irmã), ao contrário de Paula, que tem a força para fazer escolhas difíceis. Uma dessas escolhas foi a ligação amorosa a Gabriel, apesar das convenções sociais que censuravam o relacionamento de uma jovem mulher com um homem muito mais velho e para mais seu padrinho, apesar do risco de dissonâncias devido à diferença geracional e, acima de tudo, apesar da dúvida, nunca inteiramente esclarecida, sobre a possibilidade de serem pai e filha. Trata-se, também aqui, de uma terceira via, a “terceira opção”, a terceira margem, num evidente paralelo entre as escolhas que se têm de fazer no plano íntimo e as obrigatórias tomadas de posição no que diz respeito à vida cívica, aos princípios ideológicos, às relações sociais. Outra difícil decisão foi a não interrupção da gravidez, apesar da possibilidade de esta ser consequência da violação perpetrada pelo irmão. Deste modo, a protagonista contesta uma ordem social e moral dependente, mesmo depois de 74, de muitos dos valores conservadores do salazarismo e de uma imagem de “normalidade burguesa” em relação à qual a personagem não se adequava.

Romance sobre escolhas e opções de vida, mas também sobre a escrita de um país a braços com esquecimentos estratégicos, *Pedro e Paula* abala os estereótipos das relações familiares para questionar identidades que constroem no duplo plano individual e coletivo. Se Pedro e Paula convocam ideologias distintas e diferentes modos de construir a memória, expõem também que as histórias dos povos e das comunidades nunca são unívocas, fazem-se de conflitos e ambiguidades, mas também de escolhas e decisões. Será essa a lição da fraternidade (im)possível destes dois gémeos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arêas, V. (2002). Pedro e Paula – partidas e contrapartidas. In Teresa Cristina Cerdeira (Ed.), *A Experiência das Fronteiras. Leituras da obra de Helder Macedo* (pp. 139-146). Niterói: EdUFF.
- Buescu, H. C. (2001). *Grande Angular. Comparatismo e Práticas de Comparação*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian.
- Buescu, H. C. (2005) "Feridas da Possibilidade": Horizonte Comparatista. *Cadernos de Literatura Comparada* 10/11. *Século XXI - Questões e Perspectivas*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 51-64.
- Cerdeira, T. C. (2000). *O Avesso do Bordado. Ensaios de Literatura*. Lisboa: Caminho.
- Macedo, H. (1998a). *Pedro e Paula*. Lisboa: Presença.
- Macedo, H. (1998b, 30 de março) Um cronista das incertezas, entrevista de Maria Teresa Horta. *Diário de Notícias*.
- Macedo, H. (2000) *Os Maias* e a veracidade da inverosimilhança. In A. Campos Matos (Ed.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz* (pp.380-383). Lisboa: Caminho.

RESUMO

O romance de Helder Macedo *Pedro e Paula* desenvolve-se, como o título indica, em torno da história de dois irmãos gémeos, por um período histórico que abarca as últimas décadas de colonialismo e os primeiros tempos de vivência em democracia. A ligação fraternal apresenta-se conturbada, pelo facto de terem opções ideológicas e percursos de vida muito distintos: Paula segue o caminho da liberdade e da adesão aos princípios revolucionários, enquanto Pedro se acomoda a uma existência burguesa. O desejo de posse de Pedro sobre a irmã subverte de forma decisiva a relação dos irmãos, conduzindo a uma tensão crescente que culminará na brutal violação sofrida por Paula. Nesta história de "gémeos antagónicos", o autor procura associar a representação de dimensões individuais e coletivas, afirmando o poder libertador de uma identidade que se faz da aceitação da diferença e da ultrapassagem das dualidades.

ABSTRACT

The novel of Helder Macedo *Pedro e Paula* unfolds, as the title indicates, the story of two twin siblings, for a historical period that includes the last decades of colonialism and the first years of democracy. The fraternal bond presents itself troubled by the fact that they have different ideological options and life trajectories: Paula follows the path of freedom and adherence to revolutionary principles, while Peter adapts himself to a bourgeois existence. The desire for possession of Pedro over his sister subverts decisively the relationship of the siblings, leading to growing tension culminating in the brutal rape suffered by Paula. In this story of "antagonistic twins", the author seeks to associate the representation of individual and collective dimensions, claiming the liberating power of an identity that is made with the acceptance of difference and overcoming of dualities.